



Rio de Janeiro, 28 de fevereiro de 2005

Ao Ilustríssimo Senhor Newton de Mello
MD Presidente da ABIMAQ

Durante as últimas semanas tem-se observado com grande frequência manifestações de Sindicatos e Associações representativas de alguns setores industriais abordando a questão do abastecimento e preços de aço e reiterando a solicitação de intervenção governamental no assunto.

Algumas daquelas entidades, repetindo iniciativas adotadas diversas vezes no últimos dois anos encaminharam seguidamente ao governo alegações genéricas de desabastecimento, de desequilíbrios no mercado e de perda de competitividade, para defenderem a implementação de medidas intervencionistas em políticas de preços e regras vigentes no comércio exterior dos produtos siderúrgicos.

A siderurgia brasileira, diante dessa nova onda de manifestações não pode deixar de registrar seu desagrado e repúdio à forma superficial, leviana e irresponsável como vem sendo tratada a questão, desconhecendo-se fatores determinantes da economia nacional e do comportamento de setores integrados à economia global, e abdicando-se de um diálogo direto entre as partes, como seria o razoável numa economia de mercado.

Cumpre-nos inicialmente destacar que, ao contrário que vem sendo afirmado, não temos nenhuma indicação concreta de desabastecimento de aço em qualquer daqueles setores. Ao contrário, todas as avaliações disponíveis indicam um quadro de completa normalidade no abastecimento, decorrência da elevada prioridade atribuída pelas empresas siderúrgicas ao abastecimento interno. Registre-se, inclusive, que algumas empresas consumidoras promoveram revenda de aço no final do ano indicando assim possível excesso de estoque e despreocupação quanto ao abastecimento futuro. Desse modo, tomando-se como referência o ano de 2004, as vendas internas da siderurgia aumentaram em 17,8% enquanto as exportações do setor tiveram queda de 7,7%. Como resultado, todos os setores consumidores intensivos em aço puderam operar de acordo com suas potencialidades o que lhes permitiu os expressivos aumentos de produção registrados no ano.

Comprova o acima mencionado o fato de que vários daqueles setores, principalmente os mais intensivos em aço, apresentaram expressivos aumentos de suas exportações que, em termos de aço contido, representou crescimento de 38,8%. A alegada perda de competitividade externa devido aos reajustes de preços do aço, que ocorreram de forma generalizada no mercado mundial, mostrou portanto não ter qualquer fundamento.

Cabe ainda mencionar o fato de que nenhum setor exportador, apesar do elevado potencial, optou pela utilização do mecanismo de draw-back para importação de aço, razão pela qual as importações

decreceram. Desse modo, o pleito de redução das alíquotas de importação, se implementado, terá como efeito principal reduzir o poder de negociação do País nos diversos acordos de comércio nos quais a abertura de mercados deve necessariamente estar associada a mecanismos de reciprocidade ou outras formas de compensação, e não por concessão unilateral.

No que se refere à questão dos preços, não tem sido levado na devida conta o fato de que as principais matérias-primas da siderurgia têm seus preços diretamente referenciados aos níveis internacionais:

- O carvão metalúrgico é totalmente importado.
- O minério de ferro tem preços internos vinculados aos preços de exportação para os grandes clientes internacionais.
- O ferro gusa ofertado internamente pelos produtores não integrados, que é em grande parte exportado, também acompanha as cotações internacionais e ainda estabelece a referência para os preços internos da sucata, determinados também por setores consumidores de aço que contribuem para sua elevação através do sistema de leilões.
- As ferroligas básicas, nas quais o país é grande exportador acompanham igualmente as flutuações de preços internacionais enquanto várias ferroligas especiais são, em grande parte, supridas por importações.
- A situação não é diferente no que se refere aos combustíveis, além dos fretes nos seus diversos modais, particularmente os marítimos, que são utilizados intensamente pela siderurgia.

Outro pleito anteriormente dirigido ao governo que julgamos oportuno comentar é o de estabelecimento de cotas ou impostos para exportação. A siderurgia brasileira tem posição de destaque no mercado mundial de aço (9º maior exportador) e está classificada entre os principais segmentos exportadores e geradores de saldo comercial do país. Em 2004, por exemplo, as exportações diretas de produtos siderúrgicos totalizaram US\$ 5 bilhões FOB, possibilitando ao setor gerar saldo comercial de US\$ 4.5 bilhões. O volume exportado, de 12 milhões de toneladas, corresponde a mais de 65% do total do consumo interno, o que demonstra o absurdo que representaria qualquer medida de restrição, com efeitos imprevisíveis sobre relações comerciais, em parte regidas por contratos mas sempre afetando clientes externos duramente conquistados ao longo de vários anos de ação estruturada no mercado internacional.

Acresce que seria criado um ambiente de insegurança com efeitos também imprevisíveis sobre importantes programas de investimentos em desenvolvimento pela siderurgia brasileira, orientados em grande parte à consolidação ou reforço da posição exportadora do setor.

Por último, e talvez o mais surpreendente quando se trata de manifestação de setores privados são as inferências de conotação negativa quanto aos resultados dos balanços das empresas do setor. Parece haver deliberado esquecimento quanto ao fato de que esses resultados traduziram não apenas uma conjuntura favorável, e extremamente rara na história da nossa siderurgia, mas, também, o resultado de investimentos de mais de US\$ 13 bilhões realizados nos últimos anos para modernização da produção e redução de custos, num cenário desfavorável a investimentos intensivos de capital, e sem o suporte de subsídios existentes em alguns programas setoriais. Estão também esquecidos os imensos prejuízos suportados pelo setor siderúrgico devido às transferências de renda inter-setoriais propiciadas por um sistema perverso de controle de preços que tanto custou ao País eliminar.

Prezados Senhores,

A siderurgia brasileira é integrada em sua quase totalidade por empresas de capital aberto e seus resultados são portanto conhecidos. O setor tem, também, promovido ampla divulgação de seus planos de investimentos da ordem de US\$ 12.3 bilhões que devem elevar em cerca de 12 milhões de toneladas/ano sua capacidade produtiva até 2010, possibilitando ao setor não só atender integralmente ao crescimento da demanda interna, qualquer que seja seu nível de crescimento, como preservar uma forte posição exportadora, convergente com os interesses do País.

O setor tem ainda reiterado sua política de priorizar o abastecimento interno e está convencido de que o faz de forma competitiva, como o demonstram os resultados das exportações dos setores consumidores intensivos em aço.

Permitimo-nos, assim, através desta e reiterando o que temos feito em diversas reuniões bilaterais com os setores consumidores, destacar a importância de um diálogo direto entre as partes interessadas por ser este, a nosso ver, um meio mais eficaz de identificação e solução de problemas comuns, sem medidas intervencionistas, ou de exceção, não só desnecessárias como prejudiciais à consolidação do modelo de economia de mercado que representa conquista de toda a sociedade brasileira que nos cabe preservar.

Atenciosamente,

José Armando F. Campos
Presidente

RB/mlh

AÇO: CONSTRUINDO UM FUTURO SUSTENTÁVEL

Av. Rio Branco, 181-28º andar – Rio de Janeiro - RJ - Cep 20040-007 - Tel.: (55-21) 21410001 - Fax: (55-21) 2262-2344
E-Mail: ibs@ibs.org.br - Homepage: <http://www.ibs.org.br>